

METODOLOGIAS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA COM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO

Gastón Andino

Resumo: Este artigo é um relato da vivência que tive durante vários anos com crianças e adolescentes em situação de risco, na Cidade de Porto Alegre-Rio Grande do Sul, Brasil. Um trabalho que fiz junto com meus companheiros facilitadores de Biodanza na RINACI (ONG).

A metodologia utilizada foi a da Educação Biocêntrica, pois ela nos permite fazer uma gama de atividades centradas no Princípio Biocêntrico referencia fundamental dentro de esta proposta educativa e da Biodanza.

Anos de alegria, de entusiasmo com as pequenas conquista e fracassos; que nos permitiu, ano após ano, construir nossa metodologia de trabalho.

Este articulo pretende então aportar possíveis "ferramentas" para tornar uma atividade mais Biocentrica, mais saudável, mais amorosa.

Palavras chaves: Educação Biocêntrica, Biodanza, Brincar, Afeto, Criatividade.

Summary: this article talks about an experience that I have had during many years working with children and teenagers in limit situation. Tt takes place in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. This work was done together with my colleagues-teachers of Biodance - in RINACI (ONG) which is a non profit organization.

The methodology used was Biocentric Education since year after year has allowed us to perform a range of activities centered in Biocentric Principle which is a major aspect within this education proposal.

Years of enjoyment and enthusiasm with little achievements allow us to build our methodology of work.

This article aims to bring possible tools to turn an activity more biocentric, more healthy and more affectionate.

Key words: Biocentric Education, Biodance, Play, Affection, Creativity.

INTRODUÇÃO

As crianças em situação de risco vêm muitas vezes de famílias diversificadas, ou ampliadas, onde moram várias pessoas. Estas não são exclusivamente por vínculo sanguíneo, podem ser tios, avós, companheiros de alguém da família, amigos, quase sempre vários adultos e muitas crianças, todos vivendo em um espaço físico muito reduzido, onde tudo é de todos, inclusive o corpo. As crianças não são donas de nada, nem de um brinquedo ou uma roupa, por isso lhes é tão difícil compartilhar os materiais escolares, como livros, materiais de trabalho ou um simples brinquedo.

Normalmente, mesmo havendo adultos em casa, eles não costumam se responsabilizar ou exercer seu papel de cuidadores. Assim, as crianças cuidam-se a si mesmas e seu lugar de brincar, de crescer, é na rua. Capaz por isso lhes é tão difícil ficarem "presas" na sala de aula, várias horas a fio sentadas em cadeiras em fila.

Estas crianças têm seus direitos violados cotidianamente, vivenciando situações desestruturantes, de abandono, de negligência afetiva, violência de todos os tipos, abusos sexuais e fome. Suas necessidades elementares como crianças e cidadãos não são atendidas, nem reconhecidas, a não ser em épocas eleitorais. Seus vínculos afetivos são quase ausentes, pois não têm ninguém em quem confiar, com quem dialogar, alguém por quem possam ser reconhecidos, amados e a quem possam amar. Isto faz com que, ao não terem quem olhe por eles, quem de alguma maneira os ajude

dando carinho, conselhos, valores, dialogando e orientando-os para a vida, passem a “governar-se” sozinhos. **Isso** capaz seja porque a eles lhes é tao difícil respeitar qualquer tipo de limite que lhes venha a ser colocado, limites estes tão necessários para seu crescimento, para que possam aprender a viver comunitariamente.

Neste quadro social em que a criança participa da escola ou de algum espaço institucional, em uma total desestruturação social, familiar e pessoal. Sem nenhuma pauta externa ou interna de que pode e não pode, de quais são suas necessidades, quais cuidados pessoais devem ter, quais direitos lhes correspondem, acreditamos - e também a experiência nos tem mostrado - que a melhor intervenção metodológica é a Educação Biocêntrica, porque nos permite trabalhar com uma gama de atividades focadas no Principio Biocêntrico. "Dependendo da visão de mundo (de homem, de sociedade e de universo), o educador pautará sua prática educativa, que se expressa nos pressupostos sobre o papel da Escola ou da Organização, o papel da aprendizagem, o das relações educador-educando, e das técnicas pedagógicas" (Dalla Vecchia, 2002:29).

Nesta proposta que considera a vida como centro - dentro da Educação Biocêntrica - temos várias ferramentas: Biodança, Jogos Cooperativos, teatro, além de outras propostas como passeios, festas de aniversários, idas ao cinema, etc., que chamamos de atividades biocêntricas.

Metodologia: "A vida como centro"

Nossa metodologia na Educação Biocêntrica com crianças em situação de risco tem como objetivo o resgate da infância, da cidadania, e o desenvolver de potenciais de vida, fazendo a aprendizagem mais integrada; **comprometendo os aspectos reflexivos, emocionais e viscerais**". Conforme nos diz Toro (2007:8): "Se o processo de aprendizagem não abrange estes três níveis, as respostas serão dissociadas". Esta metodologia implica em um aprender por inteiro, de "corpo e alma", resgatando na criança seu estar no mundo com naturalidade, espontaneidade e prazer.

Como diz Isadora Duncan, uma das propulsoras da dança moderna, sobre seu método de ensino da dança:

"Leram o Emilio de Jean-Jacques Rousseau? Ele diz que uma criança vive cada dia uma vida intensa e bela, e que temos de lhe dar a possibilidade de fazer uso disso. Eu não "ensino" crianças. Não tenho sistema nem métodos especiais. Não digo às crianças: "Coloquem sua mão assim ou ponham seu pé assim." Vocês viram pessoalmente que toda criança dança ao natural. Viram que seus movimentos não são ensinados - eles crescem como plantas, e desabrocham como flores." (Duncan, 1985:83)

Trata-se, portanto, de ensinar o que já existe dentro de cada um. Nossa metodologia consiste então em oportunizar alguns elementos integrativos, fazer atividades lúdico-criativas e, fundamentalmente, criar um espaço afetivo e cálido que permita desabrochar potenciais já existentes em cada criança. "A Educação Biocêntrica visa estimular os rebentos mais vitais da infância, seu entusiasmo, sua criatividade, sua capacidade para resolver conflitos, sua saúde, sua autonomia, seu sentimento do autêntico e do verdadeiro" (Toro, 1991).

Dentro deste olhar da vida como centro, gostaria de destacar alguns aspectos fundamentais de nossa proposta metodológica:

- O brincar como uma possibilidade de uma melhor aprendizagem, com propostas lúdicas que podem motivar uma melhor participação dentro do grupo.

- Elementos biocêntricos que são elementos a utilizar ao fazer atividades, jogos, brincadeiras ou qualquer tipo de proposta, para torná-las mais integrativas, de forma a reforçar aspectos saudáveis e que fortaleçam o grupo.

- Atividades biocêntricas que são proposta além da sala de aula ou da aula tradicional, que possibilitam à criança ser incluída socialmente. Estas questões que faço referência nos permitem fazer uma intervenção mais de acordo com o momento do grupo, permitindo que a atividade proposta cativasse as crianças.

Um brincar Biocêntrico

"Desde o tempo das cavernas, o homem já manifesta sua humanização através do brincar. Tal ato pode ser visto em suas pinturas rupestres, em suas danças, em suas manifestações de alegria" (Lima, 2004:6). Dentro desta proposta da vida como centro, podemos observar que, quando trabalhamos com grupos de crianças, com a metodologia da Educação Biocêntrica, percebemos que a maioria das propostas deve ter um sentido lúdico, de brincadeiras, pois elas são mais facilmente entendidas e suas propostas melhor aceitas, possibilitando assim uma melhor participação em aula. Brincar é fundamental no universo da criança. É assim que ela se descobre e descobre o mundo que a rodeia. Ela vai se apropriando de um conhecimento profundamente vivido. É por isto que ela "aprende": ela agarra para sua vida aquilo que nesse momento é fundamental. Esta forma de aprendizagem é muito concreta e real.

"Brincar é essencial à saúde física, emocional e intelectual do ser humano. Brincar é coisa séria, porque na brincadeira a criança se re-equilibra, recicla suas emoções e sacia suas necessidades de conhecer e reinventar a realidade" (Lima, 2004:5).

Na metodologia da Educação Biocêntrica permite-se também o uso de jogos, no sentido de cooperação e não de competição.

Faz-se importante destacar a diferença entre brincar e jogar. A brincadeira, mesmo que tenha certas normas e regras, estas nunca são tão rígidas como no jogo. Neste, elas são fundamentais para que possa ocorrer e funcionar adequadamente. "O jogo é uma atividade espontânea, realizada por uma ou mais pessoas, regido através de regras que determinam quem o vencerá. Delimitam-se regras, tempo de duração, o que é permitido e proibido e indicadores sobre como terminar a partida" (Regina, 2003: 128).

Recomenda-se que, se surgir a vontade no grupo de jogar, seja então proposto para que eles mesmos criem as regras do jogo como parte da atividade.

Desta forma, a brincadeira fica mais aberta a improvisações, é mais espontânea e a podendo ser um caminho a vivências profundas.

"A vivência que trabalha com o lúdico atua diretamente sobre o humor endógeno no inconsciente vital" (Toro, 1991). As brincadeiras atuam diretamente sobre toda a nossa existência e são um estímulo à nossa identidade, reforçando a auto-estima e a auto-imagem. Podem dar às crianças uma nova possibilidade de percepção de si mesmas e do mundo que as rodeia, e ser profundamente transformadoras em suas vidas.

"Tal como a personalidade dos adultos se desenvolve através de suas experiências de vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras feitas por outras crianças e adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de ampliar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência" (Winnicott, 1982:163). Brincar é fundamental na construção da Identidade da criança, uma Identidade que se constrói na relação profunda com estas vivências estruturantes na vida da criança.

A brincadeira dentro da proposta da Educação Biocêntrica, aborda as chamadas linhas de vivência, canais biológicos por onde a Identidade se expressa. São os potenciais de vida, latentes dentro de nós, e que, por vivermos em uma cultura anti-vida, não há permissão para que se manifestem em todo seu esplendor, ou acabem por manifestar-se de maneira dissociada.

Na brincadeira, observamos que se integram os cinco potenciais de vida, a saber:

a) A Vitalidade - porque necessita da presença ativa do participante e do outro; a alegria e disposição para brincar estão muito presentes. São as fontes propulsoras da vida, da vontade de viver, do agir no mundo. "A força, o ímpeto, a energia vital, o vigor e a consistência biológica e existencial são manifestações da vitalidade" (Góis, 2002:89).

Algumas brincadeiras são mais ativas - enérgicas e outras mais calmas - tranqüilizadoras. Como por exemplo das mais ativas: "O chefe manda", na qual um componente do grupo vai ao meio e faz um movimento no ritmo da música e o resto do grupo o acompanha fazendo de maneira similar. Exemplo de uma mais calma: O "espelho" em pares (mímica em pares), onde primeiro um faz o movimento na melodia da música e outro acompanha fazendo de forma similar. Ou também se pode citar o "leque chinês", na qual, entre os dedos das mãos, vamos encontrando o olhar dos colegas e vinculando afetivamente com todo o grupo. Estas são mais harmonizadoras. Podemos brincar sempre tendo em conta esta polaridade de ativação e harmonização.

b) A Sexualidade - porque nos remete ao prazer de brincar, de estar presentes no que fazemos. Traz-nos diferentes sensações corporais agradáveis que decorrem das brincadeiras de contato e vínculo afetivo. "As crianças têm prazer de brincadeiras físicas e emocionais" (Winnicott, 1982:161).

Em meu trabalho com crianças em situação de risco, tenho observado que elas conseguem integrar esta questão do contato e do prazer em suas brincadeiras de uma forma mais natural e espontânea, quando o riso e o contato físico se dão livremente. Isto pode acontecer pela ausência de brinquedos industrializados que, muitas vezes, motivam o jogo individual o a competição. Quando estes estão presentes, pode acontecer que o brincar perca a criatividade e a espontaneidade.

Observo que as crianças que têm acesso à tecnologia e aos brinquedos, têm mais dificuldade de brincar corporalmente, atrapalhando-se mais quando é feito com este tipo de proposta. Muitas apresentam dificuldades motoras de sinergismo, coordenação e pouca resistência física ao esforço. Percebo que os computadores deixam as crianças sempre em um lugar mais receptivo, onde são exigidas mais freqüentemente as funções mentais de raciocínio e lógica, passando o corpo e o movimento a um segundo plano. Por isto acredito que as diversas dificuldades corporais de movimento e contato, que são percebidas neste tipo de crianças, tenham a ver em parte com isto: uma vida muito sedentária. "A consequência da falta

de exercício (ou de exercício insuficiente) é a rigidez do corpo e do coração, e um número cada vez mais reduzido de meios de expressão"(Nachmanovitch, 1993:51).

c) A Criatividade - é a linha de vivência onde se encontra a brincadeira, permitindo a manifestação de diversas variantes: da improvisação, do ridículo, do inesperado. "Criar significa, entre outras coisas, transformar, inovar, crescer, mudar a si e ao mundo, com o mesmo gesto, no mesmo ato" (Góis, 2002: 90).

Na Educação Biocêntrica, quando se utiliza um objeto como intermediário da brincadeira, ele pode ser transitório, pois quando ele não existe, permite que entre em cena a imaginação. Quando não existe o brinquedo, passa a ser necessário imaginar esse objeto. A capacidade de imaginar fica muito mais ampla, pois podemos criar o objeto com o tamanho, a forma, a cor e o cheiro que queiramos. "Todos sabemos que as brincadeiras infantis manifestam a ação do impulso criativo humano. Muitas envolvem um alto grau de imaginação. A facilidade com que a criança faz de conta indica que seu mundo é em grande parte, subjetivo, com muitos sentimentos armazenados, prontos para serem usados. Como ela está relativamente livre de pressões e responsabilidades, a imaginação consegue transformar a realidade num mundo de fadas com oportunidades ilimitadas para a auto-expressão e o prazer" (Lowen, 1984:15).

d) A Afetividade - pelo fato de muitas das brincadeiras requererem a presença do outro como uma possibilidade para que aconteçam, a afetividade, o vínculo que se gera, pode ser muito profundo, engendrando mais necessidade de vincular-se para poder brincar, olhar olho-no-olho. Isto nos permite trabalhar algumas questões como: cuidar do objeto, do outro, como cuidado de um brinquedo que gosto muito, etc. Também permite que a criança possa perceber como se relaciona no brincar com o outro, pois nas vivências sempre existe a troca: ora um, ora o outro, o que requer mais atenção na atitude que se tem quando se brinca, como trato ao outro, as coisas em geral em minha vida.

A Afetividade é sumamente importante no encontro com a Ética: "É a fonte da ética, o caminho pelo qual o ser humano pode

construir coletivamente uma sociedade democrática e amorosa - de cidadãos" (Góis, 2002: 92). A brincadeira pode possibilitar momentos de profunda empatia amorosa entre os participantes.

"A brincadeira fornece uma organização para a iniciação das relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contato social" (Winnicott, 1982:163)

A afetividade permite que, ao brincar, a criança comece a vivenciar sua capacidade de amar aquilo que faz. Sua brincadeira favorita poderá ser o embrião do aspecto profissional que ela exercerá no futuro e que dará sentido à sua existência.

e) A Transcendência – que está sempre presente, porque, na brincadeira, muitas vezes esquecemos o tempo, o espaço e até a proposta da brincadeira. Transcender é ir além de algo que nos limita, de nossas possibilidades que até agora conhecíamos, ou de nosso ego.

"Acreditamos que transcendência é o caminho de humanização do homem e talvez a única eficaz no combate á pobreza (qualquer tipo) que ameaça a espécie humana, isto porque favorece a superação das limitações, permitindo o acesso a novos degraus na fronteira evolutiva" (Spode, 2006:54). Ela é uma ponte entre o universo interno da criança e o mundo que a rodeia, no qual ela está inserida. Pois nesse "brincar" ela vai mostrando seu lugar no mundo, na família, seus desejos e sentimentos com referência a diferentes situações. Isto, inclusive, permite-nos trabalhar determinadas situações, no caso de a criança estar com alguma dificuldade. "Pode-se facilmente ver que as brincadeiras servem de elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior, e por outro lado, a relação externa ou compartilhada" (Winnicoot, 1982:164).

Brincando é que se aprende. Em um mundo tão bélico, violento, consumista e adulto, não temos tempo para "brincadeiras". Tudo tem que ter um resultado (lucro), o tempo é ouro, brincar não é coisa séria! Assim há mil e um pretextos para o adulto estressado não permitir que a espontaneidade e o lazer, caminhos necessários para a criatividade e a saúde, possam expressar-se em seu cotidiano. Assim,

o adulto vai matando a Criança Divina que existe dentro dele. Ela é uma janela para uma vida mais integrada e saudável. Por isso é tão difícil ao adulto perceber o mundo da criança, suas necessidades de brincar, de divertir-se, de estar sempre inventando brincadeiras novas.

Dentro deste contexto, a educação atua dentro de uma cultura adulta, repressiva, anti-vida. Na escola e na sociedade não se tem tempo ou existem lugares específicos e horas adequadas para a criança "brincar".

"A Educação contemporânea, em quase todo Ocidente, não cumpre sua tarefa de entregar ao indivíduo diretrizes internas de desenvolvimento. Não desperta neles os germes naturais de vitalidade, nem os valores do íntimo. Não desenvolve os potenciais criativos, a liberdade intelectual, nem a singularidade das aptidões. Não fomenta o esplendor das relações humanas. A Educação atual tende a produzir a adaptação servil ao establishment" (Toro, 1991).

Assim, neste mundo tão doente, a criança atual encontra-se inserida em locais onde suas necessidades e desejos são pouco satisfeitos, quando não, cheios de tecnologia e brinquedos industrializados, que muitas vezes pretendem preencher suas lagunas afetivas. Isto limita suas possibilidades de brincar, criar, ser.

A brincadeira, dentro de um olhar biocêntrico, é um caminho de profundas vivências integradoras. Elas trabalham as cinco linhas de vivência, possibilitando sua expressão, sua potencialização e integração. "As vivências são expressões do entrelaçamento da vida instintiva com o mundo valorativo - simbólico; são próprias do humano e necessitam da realidade histórico-social para acontecer" (Góis, 2002:80).

Sem sombra de dúvida, o brincar na Educação Biocêntrica dá uma profundidade a esta atividade, pois nele acontecem várias aprendizagens. Essencialmente o corpo, o movimento e o contato vinculado com a presença do outro é parte da brincadeira. Quando o "outro" é o brinquedo, nos permite vivenciar diferentes situações: a possibilidade de poder brincar com alguém, vinculado pelo olhar, pelo tato, pelo afeto. Ter que se vincular e cuidar do "brinquedo",

perceber e ser percebido por alguém, isto sem dúvida permitirá que a criança tenha uma vivência profunda de valores e de ética sobre o cuidado da vida. Vivenciar a possibilidade de que o outro possa brincar conosco, entregar-nos a essa relação tão particular de ser um objeto e agente da brincadeira, permite sair do meu mundo, de meu ego, para me entregar a uma relação de igual para igual, a uma relação profundamente humana.

"É brincando que a criança vai interiorizando o mundo que a cerca; na troca com o outro vai se constituindo sujeito humano, posto que simboliza o resultado socialmente acumulado, pela capacidade de estar em momento de ócio, livre do que é do negócio, do negociável, ou tudo aquilo que nega o ócio" (Lima, 2004:6).

Ao trabalharmos nesta perspectiva lúdica, estaremos também trabalhando elementos da motricidade, como ritmo, equilíbrio, fluidez, agilidade e outros. Permitindo que se manifestem integradamente. O trabalhar com a criança é uma aposta na vida, na crença de que, fortalecendo os primeiros anos de vida do indivíduo, conseguiremos ter jovens e adultos mais saudáveis, mais integrados com a vida, com o todo. "Evitar a catástrofe psicológica, fortalecendo a saúde integral durante a infância, é uma das tarefas de maior rendimento terapêutico, da mais imperiosa necessidade" (Toro, 1991:639). A brincadeira, então, é uma das ferramentas importantes para este tipo de trabalho: um brincar profundamente humano e sensível, que permite que, nesse processo de viver, nos construamos integradamente e percebamos ser parte de uma grande rede, onde o centro seja sempre o cuidado com todo o vivente. "A criatura que brinca está mais apta a se adaptar à mudança de contextos e de condições" (Nachmanovitch, 1993:51).

Orientações Biocêntricas

Observei muitas vezes que, quando ia dar uma aula, eu já encontrava o grupo brincando de alguma coisa ou em alguma outra atividade, o que, de certa forma, dificultava o começo das atividades. Assim, aos poucos fui propondo para eles que elegessem qual

brincadeira gostariam de fazer para começar nossa atividade. Então, quando eles escolhiam, eu ajudava a organizar para que a brincadeira pudesse acontecer de uma maneira mais prazerosa para todos, sem tanto chute e golpe que, no furor da brincadeira, costumam acontecer. Eu sugeria: agora um, agora outro, de forma a que todos os participantes do grupo pudessem orientar a brincadeira e liderar o grupo em algum momento. Depois de brincar um tempo, eu ficava atento à intensidade da atividade, e quando percebia que o grupo começava a perder a motivação, sugeria uma outra possibilidade de fazer a brincadeira acontecer, muitas vezes com algum "elemento biocêntrico" ou algum outro exercício de Biodanza ou outra brincadeira mais harmonizante, dando assim continuidade à atividade. Assim, as aulas tomaram outra perspectiva, as crianças que participavam das aulas sentiam-se mais motivadas, trazendo sempre sugestões de brincadeiras e possíveis variações.

Fui percebendo que a parte mais ativa da aula era feita pelas brincadeiras sugeridas por eles. Meu papel era só ajudar para que as organizassem. Passada a euforia inicial, eu propunha então exercícios mais regressivos, o que eles acompanhavam agora com mais disposição e entrega. Eles, então, já desde o começo, propunham: “agora vamos brincar de pega-pega e depois vocês (a educadora e eu) fazem uma massagem em nós.” Orientando assim a aula, eu só fazia os exercícios-pontes para entrar em um exercício e sair do outro. Um exemplo de uma atividade mais biocêntrica: começar brincando de pega-pega tradicional, pode ser pega-pega estátua, logo outra criança sugere pega-pega com ferrolho, aqui eu coloco uma "música orgânica", como “Carimbador Maluco”, do Raul Seixas, ao que eles costumam responder cantando e brincando juntos. Continuo facilitando a que cada criança que quiser proponha que tipo de pega-pega fazer, assim várias possibilidades desta brincadeira podem acontecer. Aqui está presente outro Elemento Biocêntrico: "a criatividade". Em certo momento, proponho então que só pode pegar abraçando o/a colega; aqui estou introduzindo outro Elemento Biocêntrico: "o afeto". Estes elementos biocêntricos dos quais falo permitem que, aos poucos, os participantes das atividades possam:

- diminuir o caos grupal, que algumas vezes acontece quando se incluem o corpo, movimento, a música em um espaço fechado.
- diminuir a violência física e verbal, que vem junto quando estão muitos agitados.
- reforçar os vínculos de amizade e solidariedade, possibilitando também que o grupo possa integrar-se mais.

Um dos elementos biocêntricos é tornar a brincadeira uma "vivência integradora", de maneira que os exercícios, jogos e brincadeiras sejam vividos com mais intensidade, e possibilitem uma maior integração nas crianças e para o grupo. Uma integração existencial, uma nova possibilidade de estar inteiro no que se faz, integrando a emoção, pensamento e ação. Nos educadores biocentricos temos que ir tornando a brincadeira uma vivência, isto é, como possibilidade de revelação de um universo único em cada um de nós, permitindo-nos descobrir que, muitas vezes, a resposta de nossos problemas e dramas pessoais esta dentro de nós. A brincadeira que transcende a própria proposta pode-se tornar profundamente transformadora para a criança. "A Biodanza tem o poder de despertar vivências que têm um valor organizador e integrador em si mesmo. Estas vivências integradoras se reforçam de acordo com os princípios de aprendizagem e são associadas a situações prazerosas" (Toro, 2007:8).

Isto deve ser proposto progressivamente, ir sugerindo algumas variações adequadas às brincadeiras que eles trazem. Trata-se de tornar as atividades propostas em vivências, de forma que eles possam entrar mais profundamente nas propostas sugeridas.

Outro elemento que está sempre presente na vida destas crianças é a "música", fato que nos permite sua utilização com mais facilidade. Só devemos saber diferenciar quais são as que apresentam características integradoras quanto ao ritmo, ao movimento (dança) e

quais emoções elas despertam. A música também pode ser deflagradora de vivências transformadoras para as crianças.

Em nossas atividades biocêntricas, fazemos uso de um tipo de música que chamamos de “orgânica”, ou seja, que apresenta uma integração entre a melodia, o ritmo e letra, também que seja uma música de acordo com a faixa etária que se está trabalhando. Toro recomenda as "músicas que apresentam atributos "biológicos" como fluidez, harmonia, ritmo, tom e unidade de sentimento" (Toro, 2002:125). Músicas que despertem sensações e emoções agradáveis, e que, fundamentalmente, “convidem” os participantes a realizar a atividade proposta. "Músicas estruturadas a partir de um núcleo emocional ou de uma intenção fortemente expressiva" (Toro, 2002:125). Observo isto quando coloco em suas brincadeiras uma música adequada à sua faixa etária, que motiva para a proposta: eles brincam e costumam cantar a música. Sabemos que uma criança feliz faz várias coisas de uma só vez.

Quando eles sugerem uma música, nós primeiramente devemos escutar e observar se esta apresenta os atributos da música orgânica. Caso contrário, podemos "negociar" em que momento colocar e para quais atividades. Uma música que os grupos gostavam muito era a "Bomba", que não tem atributos adequados para ser utilizada para as atividades e exercícios. Então, nós conversávamos com a turma e combinávamos que, ao final da aula, colocaríamos essa música para eles fazerem suas coreografias. Assim, ficava estipulada sua utilização e o grupo respeitava o acordo. Ou a utilizávamos para a brincadeira do “Seguir ao companheiro” que é um exercício de ativação, no qual uma criança vai ao meio da roda e faz um movimento e o grupo a acompanha.

Observo que a Educação Biocêntrica permite a criação de uma cultura da diversidade, quando inclui em suas atividades, propostas tão simples como músicas cantadas em várias línguas e estilos musicais diferentes, possibilitando ampliar assim a escuta musical e as danças que eles têm em suas comunidades.

Vem-me a imagem deles dançando um clássico do rock, em duplas de meninos com meninas, meninos com meninos ou meninas

com meninas, muito entusiasmados ao ritmo da música, fazendo e inventando passos e piruetas.

Um outro Elemento Biocêntrico é o "Afeto". É fundamental aprender a fazer com que as atividades estejam permeadas por ele, como um mediador de nosso estar no mundo. Re-aprender a vincular-se, a olhar no olho, a receber um carinho, um abraço. A cuidar e ser cuidado, desenvolvendo a capacidade empática, de colocar-se no lugar do outro. Quando nos vinculamos afetivamente com o outro, a tão propalada competição diminui, pois percebemos que o outro é uma pessoa igual a nós, com desejos, sonhos e medos, que qualquer atitude que tenhamos pode prejudicar a nossa relação de amizade. O outro não é um inimigo, ele é um motivador para desenvolver novas capacidades, que no brincar podemos descobrir, um maior potencial do aquele que acreditávamos ter até agora. O vínculo afetivo é de fundamental importância para qualquer processo de aprendizagem, para qualquer processo "terapêutico". Incluir o afeto nas atividades permite que as crianças em situação de risco refaçam vínculos afetivos necessários para seu desenvolvimento, os quais muitas vezes não têm em seu cotidiano, em sua vida. Isto fica claro quando, na brincadeira de pega-pega, por exemplo, só pode pegar com um abraço. Também percebo que, na medida em que estão mais organizados e que se oportuniza que cada um possa liderar o grupo, a violência diminui e o clima de camaradagem se fortalece.

A "Criatividade" é outro elemento sempre presente em nossas atividades. Ela é uma alavanca para o surgimento de novos potenciais, novas propostas e alternativas. Devemos estar atentos para sugerir ao grupo que experimente fazer as brincadeiras de outra maneira; assim é como vamos transformando o brincar para que seja mais biocêntrico. Também podemos utilizar alguma atividade que já estejam fazendo, como relato a seguir, na descrição de uma situação vivida por mim com um grupo de crianças: "Encontrei o grupo brincando em vários subgrupos com jogos de mesa e alguns alunos dispersos. Propus a eles para todo o grupo participar de um único jogo, ao que me responderam que não queriam. Assim, o grupo se dividiu em três subgrupos: uns jogavam baralho, outros de quebra-cabeça e outros pegavam moldes geométricos de animais, que tinham

que ser preenchidos com figuras geométricas menores. Após certo tempo, propus que pegassem os moldes geométricos com borboleta, peixe, e outras formas, para fazerem uma pintura. Primeiro propus que fizessem o contorno em uma folha de papel com giz de cera, e em seguida pintassem com tinta cuidando para não copiar, apenas utilizando o molde para a figura no começo. Aos poucos, o grupo todo foi ficando interessado e passando a participar da proposta, utilizando sua criatividade, criando cores a partir das existentes: fazendo o laranja da mistura do vermelho com o amarelo, ou rosa do branco com o vermelho, etc. Em instantes, todo o grupo estava participando da proposta com muita concentração. Tudo isto embalado por uma música orgânica, como “Kumbalawe”, da trilha sonora do CD do Circo do Solei. Terminados os trabalhos, a professora começou a colar as pinturas nas paredes da sala, e o grupo novamente começou a tornar-se disperso. Propus então uma roda para olharmos e celebramos nosso encontro tão criativo. Convidei o grupo, em seguida, a ir olhando as pinturas, em um trenzinho de mãos dadas, ao embalo de “Aquarela Brasileira”, de Toquinho. O grupo acompanhou, participando bastante desta proposta. Depois, novamente na sala, propus que fechássemos nosso encontro com abraços celebrantes.”

O "Prazer" é um outro elemento biocêntrico importante a ter em conta. As crianças fazem com mais vontade, aquilo que lhes dá prazer, elas são muito "hedonistas". É fundamental saber isto para motivá-las a participar, percebendo se gostam ou não gostam de fazer tal ou qual brincadeira ou atividade. "O sabor da autodescoberta e o prazer do conhecimento integrado à própria vida são o caminho a serem percorridos neste processo de aprendizagem" (Flores, 2006:56).

Saber procurar aquilo que nos dá prazer ou nos organizarmos para ele é um aspecto fundamental de saúde e bem estar, assim como da autonomia, pois pessoas que estão vinculados com o prazer são mais difíceis de dominar.

Atividades biocêntricas

Dentro da metodologia da Educação Biocêntrica, um de seus fundamentos é o regate da cidadania, da inclusão social das crianças. Esta proposta de educar para a vida, que nos permite também fazer outras atividades que vão além da sala, como:

Cinema:

Esta atividade de ir ao cinema, e parte do regate da cidadania, do lazer, uma maneira de serem também incluídos no que a sociedade dá. Se vem muitas crianças sabem o que é um cinema, elas nunca foram; são barrados na porta dos Shopping Center e dos cinemas.

Para que esta atividade ocorra sem maiores problemas, sugerimos algumas dicas de organização:

- avisar dias antes ou na aula anterior sobre a saída, qual é a proposta;
- fazer um acordo grupal sobre esta saída;
- comprar antecipadamente os ingressos, ou reservar;
- convidar outros adultos para cuidar das crianças;
- levar as crianças ao banheiro, ou outras necessidades que tenham antes de assistir o filme;
- os adultos devem sentar-se em as pontas externas das fileiras para poder ajudar a organizar o grupo e não saiam andando pelo cinema. No caso de alguém desejar ir ao banheiro, um adulto deve sempre acompanhar a criança.

Pracinha:

Ir à pracinha para brincar nos brinquedos, subir nas árvores ou mesmo rolar no chão pode ser muito integrativo, pois é importante lembrar que as crianças que estão neste tipo de instituição estão acostumadas a brincar e viver na rua, e ficar muito tempo dentro de uma sala de aula ou em um espaço fechado é difícil para elas.

Uma vez na pracinha, é necessário inicialmente deixar um tempo livre para que brinquem à vontade. Em um segundo momento, pode-se convidar a turma para fazer brincadeiras grupais como: pega-pega com abraço, ovo-podre, anel, estátua ou outras que eles estejam familiarizados. Muitas vezes, estas brincadeiras são adaptadas na própria sala como vivências, dentro da metodologia de Biodança ou de Educação Biocêntrica. Também podemos fazer algumas variações metodológicas que consistem em começar com alguma proposta de brincadeira que eles queiram e logo passar a inserir alguns elementos que sejam mais integrativos, mais "biocêntricos".

Aniversários:

Ainda que nos pareça incrível, muitas destas crianças não sabem a data de seu aniversário, e a maioria nunca o celebra. Temos observado que fazer a FESTA DE ANIVERSÁRIO, que pode ser do mês, ou do trimestre, ou semestre, dá um brilho muito especial na vida destas crianças, pois elas se sentem muito valorizadas e reconhecidas. É um momento de fortalecimento de suas identidades. Algumas dicas sobre estes eventos:

- podem ser celebrados de diferentes formas;
- como parte da celebração, pode-se sugerir ao grupo que enfeite a sala para a festa, fazendo, por exemplo: bandeirinhas, balões, arrumação da mesa, das almofadas, etc.;

- pode-se fazer algumas vivências, atividade introdutoras, de integração do grupo;
- é um momento de qualificação dos aniversariantes, podendo-se fazer presentes individuais ou coletivos para eles;
- os aniversariantes podem repartir o bolo e os refrigerantes com os demais.

Vídeo

Olhar um vídeo que seja interessante para o momento do grupo e trabalhá-lo nas aulas seguintes com diferentes propostas vivenciais.

Gastón Andino

Facilitador Didata de Biodanza. Especializado em Educacao Biocêntrica com Crianças e Adolescentes, Biodanza Aquática, Gênero, Criatividade. Consultor Organizacional. Membro do Conselho Editorial da Revista Eletronica Pensamento Biocêntrico. Membro do Conselho Pedagógico da Escola de Gaucha de Biodanza. Membro Fundador da ONG Rinaci. Poeta e Artista plástico

BIBLIOGRAFIA

Dalla Vecchia, Agostinho. A Educação Integrada à Vida. Pelotas: Edição Independente, 2002.

Duncan, Isadora. Fragmentos autobiográficos. Porto Alegre: Editora L&PM, 1985.

Flores, Feliciano, (Org.) Educação biocêntrica, aprendizagem visceral: base para uma cultura biocêntrica. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2003.

Góis, Cezar Wagner de Lima. Biodança: Identidade e vivência. 2ª edição, Fortaleza: Edição Independente, 2002.

Lima, Marilene. Brincando na sala de aula. Revista do professor, Porto Alegre - 20(78) 5 - 7 Abril/Junho, 2004.

Lowen, Alexandre. Prazer: um abordagem criativa da vida. São Paulo: Summus, 1984.

Nachmanovitch, Stephen. Ser criativo. São Paulo: Summus, 1993.

Spode, Eni A. Schleder. Reeducação afetiva. Porto Alegre: Imagens da Terra, 2006.

Toro, Rolando Arañeda. Teoria de biodança. Coletânea de Textos. Fortaleza: ALAB, 1991.

Toro, Rolando Arañeda. Biodanza. São Paulo: Editora Olavobras, 2002.

Toro, Rolando Arañeda. Vivência e aprendizagem. Revista Latino-Americana de Educação Biocêntrica. Editora Universitária-UFBP. Paraíba-Pernambuco. N.1-Julho, 2007.

Winnicott, W. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982.

Regina, Cássia. Educação Biocêntrica: vivenciando o desenvolvimento organizacional. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003